

Comportamento Humano e Problemática Socioambiental sob o enfoque da Ética da Responsabilidade de Hans Jonas

RESUMO

Este artigo traz a reflexão sobre a mudança do comportamento humano frente à problemática socioambiental, tendo como categoria de análise a ética da responsabilidade de Hans Jonas e sua proposta de mudança deste comportamento a partir da adoção do princípio da responsabilidade e da utilização do método pedagógico da heurística do medo. Infere-se, a partir desta reflexão que o ser humano possui a capacidade de desejar e escolher quer individualmente ou coletivamente o seu destino e da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ética da Responsabilidade, Comportamento humano, Problemática socioambiental.

ABSTRACT

This article reflects on the change in human behavior in the face of problematic social-environment, as a of category of analysis using the ethic of responsibility by Hans Jonas and his proposal to change behavior by adopting of the principle of responsibility and the use teaching method and the heuristic of fear. It is inferred, finally, from this reflection the human being has the desire and ability to choice individually or collectively, for their fate and humanity.

KEY-WORDS: Ethic of Responsibility, human behavior, socio-environmental issue.

Afonso Vieira

Psicólogo e Especialista em Administração; Mestrando em Organizações e Desenvolvimento pela FAE – Centro Universitário Franciscano.
E-mail: studiocompasso@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Se é que existe um caminho melhor, ele consiste em olhar de frente para o pior”

Thomas Hardy

Não podemos fechar os olhos e tapar os ouvidos diante dos dramas que assolam a nossa casa, o Planeta Terra, e seus habitantes. Problemas que lançam a todos grandes desafios, principalmente se tratando da desigualdade social e destruição ambiental. Compreender no século XXI o processo da globalização de uma noção de desenvolvimento fundamentada na racionalidade econômica e na expansão do industrialismo, é compreender o impacto deste processo sobre nossas vidas. Há, no bojo desta noção de desenvolvimento um processo crescente de racionalização da vida, e conseqüente perda da capacidade de reflexão sobre seus problemas inerentes, tais como sociais e ambientais.

As projeções dos especialistas para as próximas décadas não são nada animadoras para esses dois dramas e dentre as soluções possíveis cabe à sociedade refletir sobre uma outra noção de desenvolvimento, cujo o adjetivo sustentável não esteja atrelado apenas à noção de economia vulgar (POLANYI, 1994). Para garantir a nossa sobrevivência com certa

qualidade de vida, é certo que problemas como alimentação da população, disponibilidade de matérias-primas e de energia, garantia de emprego e renda, estão na ordem do dia. Mas estão associados a outras questões igualmente importantes como, controle de natalidade, garantia de bom envelhecimento da população, políticas de reciclagem, tecnologia eficiente, justa jornada de trabalho e assim segue a lista. O desafio é lançado a todos, como diz Morin (2003), *homosapiensapiensdemis*. Cabe um esforço coletivo, com todas as organizações, governo, sociedade civil, comunidade científica, pois as resposta que daremos a esses desafios afetará toda a humanidade, quer positivamente ou negativamente.

Diamond (2007) em livro intitulado “O Colapso”, alerta que o fracasso de uma sociedade pode recair sobre povos periféricos em áreas frágeis, mas também sobre sociedades avançadas e criativas. E da lista da estrutura dos cinco fatores para a compreensão de colapsos sociais e ambientais, elencados por Diamond, que se verifica que em todos encontram-se o comportamento destruidor do homem.

O primeiro desses fatores é o dano ambiental, que pode, em princípio, envolver tanto a excepcional imprudência dos povos, as fragilidades excepcionais de alguns aspectos de seu meio ambiente, ou ambos ao mesmo tempo. O segundo

fator é o da mudança climática, isto é, a conjugação do impacto ambiental aliado à mudança climática. O terceiro fator, está relacionado à vizinhança hostil, ou seja, as relações com sociedades vizinhas poderia ser intermitentes ou cronicamente hostis. Uma sociedade poderia se proteger de seus inimigos desde que essa fosse forte, e sucumbir quando enfraquecesse por qualquer motivo, incluindo dano ambiental. A causa imediata do colapso neste caso seria conquista militar, mas a causa definitiva, o fator cuja mudança levou ao colapso, teria sido o fator que provocou o enfraquecimento. Deste modo, colapsos causados por motivos ecológicos ou por outros motivos são mascarados por derrotas militares. O quarto fator é o de ter parceiros comerciais amistosos, pois a diminuição do apoio de vizinhos amistosos e aumento de ataques de vizinhos hostis podem ou não se mostrar significativos para uma sociedade em particular. E por fim, o quinto fator é da respostas da sociedade aos seus problemas ambientais. Sociedades diferentes respondem de modo diferente a problemas semelhantes. E a resposta da sociedade a um problema depende de suas instituições políticas, econômicas e sociais, como também dos valores que compõem a cultura. Tais instituições e valores afetam o modo como as sociedades resolvem, ou tentam resolver seus problemas, e, que por isso, se mostra significativo. (DIAMOND, 2007).

Diamond deixa também a pergunta sobre o que se pode fazer para evitar a destruição do Planeta. E na perspectiva de compreender o comportamento do indivíduo em seu ambiente, no sentido de responder a essas questões humano-ambientais, refletindo não uma crise ambiental, mas uma crise das pessoas nos ambientes, ou seja, socioambiental. Segundo afirmam Fernandes e Sampaio (2008, p. 89):

“é possível afirmar que a natureza não tem problemas e, se os tem, são inerentes a sua dinâmica e resolvidos por ela. A definição de problemática ambiental, portanto, é uma definição diretamente ligada às atividades sociais que incidem sobre a natureza”.

Ainda nas palavras de Fernandes e Sampaio (2008, p.89), “desequilíbrio social e ambiental têm a mesma origem” portanto são interconectados. Nessa perspectiva é possível afirmar que não é a natureza que amedronta o homem, mas sim a intervenção do homem enquanto sociedade que traz efeitos não controláveis tanto sobre a natureza, como sobre os próprios membros da sociedade, efeitos que apesar já apresentarem dimensões globais com prejuízos socialmente bastante perceptíveis, não causa ainda grande preocupação social e

sensibilizam muito pouco, sendo esse tipo de preocupação frequentemente preterida em relação a outras “mais objetivas” normalmente relacionadas à noção de desenvolvimento corrente em que a economia é o elemento central.

Diante deste fenômeno a questão que emerge é como sensibilizar a sociedade, como um todo para a possibilidade de um colapso no futuro, advindo dos impactos da noção atual de desenvolvimento? Não como possibilidade de resposta absoluta, mas como exercício de reflexão este ensaio busca construir uma aproximação entre a necessária mudança de comportamento frente problemática socioambiental, tendo como princípio norteador a ética da responsabilidade proposta por Hans Jonas¹ (2006)

¹ Hans Jonas nasceu em Mönchengladback, na Alemanha em 1903. É de origem judia e sua formação inicial é humanística na área de teologia e filosofia. Há três momentos marcantes de sua formação filosófica. O primeiro tem início em 1921 quando, frequenta na Universidade de Freiburg as aulas de Martin Heidegger; o segundo momento na sua vida intelectual ocorre em 1966 com a publicação de "The Phenomenon of Life, Toward a Philosophical Biology"; o terceiro e culminante momento de sua vida intelectual onde busca pelas bases de uma nova ética, uma ética da responsabilidade onde se torna a sua meta. Em 1979 publica "Das Prinzip Verantwortung - Versuch einer Ethic

como mudança de comportamento a partir da adoção do princípio da responsabilidade e da utilização do método pedagógico da heurística do medo presente no ser humano em relação ao contexto no qual se vive.

IMPERATIVO ÉTICO

Jonas (2006) em “O princípio Responsabilidade” propõe ao pensamento e ao comportamento humano uma nova ética, pois a ética tradicional funda-se apenas dentro dos limites do ser humano e despreza a natureza, enquanto contexto. Sua proposta, portanto, é de novo imperativo ético: “Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica”, ou formulando negativamente, “não ponhas em perigo a continuidade indefinida da humanidade na Terra”.

Essa ética não se apresenta como uma realidade visível, mas se presencia como um chamado sensato que pede paciência, prudência e equilíbrio.

für die Technologische Zivilisation" (“em português: O princípio Responsabilidade” – *Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*). Também escreveu outros livros traduzidos para o português como: O princípio vida, Memórias, e Poder o impotência de la subjetividad (título em espanhol).

A este chamado Jonas nomeia de Princípio de Responsabilidade.

Já na apresentação do livro, Maria Clara Lucchetti destaca que:

“para que haja responsabilidade é preciso existir um sujeito consciente. Contudo, o imperativo tecnológico elimina a consciência, elimina o sujeito, elimina a liberdade em proveito de um determinismo” (JONAS, 2006 p. 18). Na mesma direção Fernandes (2008, p. 5) indica “que quanto mais à racionalidade se desloca da consciência subjetiva e se instala em automatismos e suportes materiais -como o dinheiro, o próprio processo produtivo e a [tecnologia] -, tanto mais o indivíduo corre o risco de se esvaziar de suas prerrogativas, mediante a formalização das relações”.

Para Jonas o *Homo faber* está acima do homo sapiens o que faz que a tecnologia assuma um significado ético ocupando um lugar central na subjetividade relativo aos fins da vida humana, como um fim e não como um meio cobrado pela necessidade. E ainda que “o homem atual é cada vez mais produtor daquilo que ele produziu e o feitor daquilo que ele

pode fazer” (JONAS, 2006, p. 44), ocasionado, principalmente, segundo afirma Illich (1976, p. 23), que “o domínio do homem sobre a ferramenta foi substituído pelo domínio da ferramenta sobre o homem”.

Se a esfera do produzir invadiu o espaço do agir essencial provocando a violação da natureza, Jonas propõe então que a moralidade deve invadir a esfera do produzir, da qual ela se mantinha afastada anteriormente. Ainda que as formas tradicionais de ação moral e ética devam continuar existindo, a responsabilidade diante de um futuro indefinido precisa de ações mais efetivas. Diante dos novos fenômenos tecnológicos, a política e a ação coletiva passam para o centro da ética da responsabilidade, pois não se “pode evitar que o meu agir afete o destino de outros, portanto arriscar aquilo que é meu significa sempre arriscar também algo que pertence a outro, e sobre o qual, a rigor, não tenho nenhum direito” (JONAS, 2006 p.84). Ainda nas palavras de Jonas: “o novo imperativo está endereçado muito mais à política pública que à conduta privada” (Jonas 2006, pg., 48).

Para Jonas devido ao abuso do homem no domínio sobre a natureza, causando sua destruição, lhe faculta uma relação de responsabilidade com a natureza, haja vista que ela está sobre o seu poder. Eisler fala do “poder letal da espada” – o poder

de tirar, em vez de dar a vida, o poder definitivo para estabelecer e impor a dominação (EISLER, 2003).

Eisler enfatiza que hoje nos encontramos em outro ponto de bifurcação potencialmente decisivo: numa época em que “o poder letal da espada” — amplificado um milhão de vezes pelos megatons das ogivas nucleares — ameaça pôr um fim a toda a cultura humana, as novas descobertas sobre as histórias modernas e antigas.

Portanto para Jonas, estando o homem em relação com a natureza, se faz necessário superar a ética antropocêntrica e se filiar a uma ética que contemple também a natureza. Por isso a responsabilidade na ética deve ser vista na articulação de duas realidades: uma subjetiva – a do sujeito – e uma objetiva – a da ação do sujeito. Para essa responsabilidade existe um arquétipo de todo agir responsável que a natureza implantou solidamente em nós (ou em parte da humanidade que procria) que é o dever para com a posteridade relacionada à responsabilidade de precaução e assistência para com os filhos. (JONAS, 2006 p. 89-90).

Posto isto, pode-se então repensar a noção de desenvolvimento predominante na sociedade atual e optar por um estilo de desenvolvimento que possa contemplar na sua agenda, como estratégia, a sustentabilidade, ou seja, um

desenvolvimento sustentável, um desenvolvimento responsável, que aja na direção da garantia na disponibilidade dos recursos naturais, que respeite os limites da biosfera e que reduza, em curto prazo, e erradique em longo prazo, a pobreza em nível mundial.

Um desenvolvimento que concilie resultados econômicos, sociais com a conservação ambiental. Desenvolvimento este definido pelo relatório de Brundtland como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades básicas e as aspirações de bem estar da população do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras. Aqui observa-se o sentido de responsabilidade. Este relatório, segundo Cortez (2009 p. 33), parte de uma visão complexa das causas dos problemas sócio-econômico-ambiental da sociedade global e que sublinha a interligação entre economia, tecnologia, sociedade e política, chamando também a atenção para uma nova postura ética, caracterizada pela responsabilidade tanto entre as gerações, quanto entre os membros contemporâneos da sociedade atual.

Diante da responsabilidade de pensar nas gerações futuras pode-se falar numa ética imperativa de que deve haver de qualquer maneira um futuro (de tal ou tal feito) com situações futuras extrapoláveis do homem e do

mundo que devem ser submetidas ao julgamento da ética, dos princípios. Com isso Jonas se pergunta como o conhecimento de algo mais afastado, partilhado por poucos, poderá influenciar a ação de muitos?

Ele sugere então uma Heurística² do medo: na busca de uma ética da responsabilidade em longo prazo, cuja presença ainda não se detecta no plano real, nos auxilia antes de tudo a previsão de uma deformação do homem, que nos revela aquilo que queremos preservar no conceito de homem. Precisamos da ameaça à imagem humana, para, com o “pavor gerado”, afirmarmos uma imagem humana autêntica, pois enquanto

² A **heurística** (do grego **εὐρίσκω**, *heurísko*, literalmente "descubro" ou "acho") é uma parte da epistemologia e do método científico. A etimologia da palavra *heurística* é a mesma que a palavra *eureka*, cuja exclamação se atribui a Arquimedes no conhecido episódio da descoberta de como medir o volume de um objeto irregular utilizando água. A palavra *heurística* aparece em mais de uma categoria gramatical. Quando usada como substantivo, identifica a *arte ou a ciência do descobrimento*, uma disciplina suscetível de ser investigada formalmente. Quando aparece como adjetivo, refere-se a coisas mais concretas, como *estratégias heurísticas*, *regras heurísticas* ou *silogismos e conclusões heurísticas*. Naturalmente que estes usos estão intimamente relacionados já que a *heurística* usualmente propõe *estratégias heurísticas*, que guiam o descobrimento.

(Cf: Wikipédia online)

o perigo for desconhecido não se saberá o que há para se proteger e porque devemos fazê-lo. O saber se origina daquilo contra o que devemos nos proteger. Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que isto ou aquilo está em jogo. Pois o reconhecimento do *malum* é infinitamente mais fácil do que o do *bonum*, é mais imediato, mais urgente, bem menos exposto a diferenças de opinião e não é procurado, ou seja, nos impõe a sua simples presença. Não duvidamos do mal quando com ele nos deparamos; mas só temos certeza do bem, na maioria das vezes, quando dele nos desviamos. O que nós não queremos, sabemos muito antes do que aquilo que queremos. Por isso para investigar o que realmente valorizamos, a filosofia da moral tem de consultar o nosso medo antes do nosso desejo. Mas como aprendemos a conhecer o nosso desejo? Para Jonas é quando tenho que temer por uma situação que me falta (JONAS, 2006 p70-71).

Gasset (1991) em “meditação sobre a técnica”, afirma que o homem por querer viver sente necessidade, logo este viver se torna a necessidade originária pelo qual as outras necessidades são decorrentes. E tudo que lhe é negativo, que lhe pode atentar contra sua vida, que lhe pode faltar, desencadeia uma necessidade e lhe mobiliza para a busca do atendimento de satisfação dessa necessidade.

Levin (1973) em sua teoria de campo também, explica que todos os fatos ou acontecimentos que acontecem conosco tem uma valência, um valor e podem ser chamados de necessidades e que irão afetar nossa região intrapessoal. Uma situação de falta gera na região intrapessoal uma tensão ou liberação de energia que resulta no aparecimento de uma necessidade. Necessidade aqui pode ser uma situação psicológica, o desejo de alguma coisa ou a intenção de fazer algo (LEVIN, 1973). Diante disto pode-se dizer que a heurística do medo sugerida por Jonas pode, portanto, gerar tensão na região intrapessoal do sujeito desencadeando um movimento.

Jonas (1996 p. 72) propõe como o primeiro dever da ética do futuro a de visualizar os efeitos de longo prazo, isto é, o que deve ser temido ainda não foi experimentado, assim o *malum* imaginado deve aqui assumir o papel do *malum* experimentado, e como esta representação não acontece automaticamente ela deve ser produzida intencionalmente. Portanto produzir tal pensamento a fim de obter uma projeção desse futuro torna-se um primeiro dever da ética que buscamos.

Mas como o *malum* imaginado não sendo o meu, não produz o medo da mesma forma automática como faz o *malum* que eu experimento e que me ameaça pessoalmente, um

segundo dever se torna necessário, que seria o de mobilizar o sentimento adequado à representação. Devemos ter a disposição para se deixar afetar, (ainda que só na imaginação) - o ser humano, dentro de uma "normalidade" é sempre afetado pelas coisas que acontecem ao seu redor, pois somos seres afetivos – pelo destino futuro do homem e do planeta, quer de salvação ou desgraça. Há de se adotar uma atitude de "temor", não do tipo "patológico", mas um temor de tipo espiritual, que, como resultado de uma atitude deliberada, é nossa própria obra (JONAS, 2006).

Segundo Jonas há uma insegurança das projeções futuras, pois não sabemos do que devemos nos proteger no futuro, fato que as relações causais na ordem social e na biosfera, desafiam qualquer cálculo. Porém o conhecimento descoberto pode ser suficiente para a doutrina dos princípios e o saber sobre possibilidades, mesmo sendo insuficientes pra previsões poderá ser suficiente para os fins da casuística heurística. Realizar experimentos de pensamento hipotéticos como "se tal coisa é feita, então tal coisa acontece" é da mudança de "um se para um então (então tal coisa pode suceder) podem se tornar visíveis à imaginação como possibilidades e como conteúdo". Assim, a simples possibilidade fornece a necessidade, e a reflexão sobre o possível, plenamente desenvolvida na imaginação,

oferece o novo acesso à verdade (Jonas, 2006 p. 74). Por isso se deva dar mais ouvidos à profecia da desgraça ao invés á profecia da salvação.

Podemos também correlacionar o pensamento de Victor Frankl (1987) com essa teoria quando este autor desenvolve a tese do "otimismo trágico" no sentido da pessoa apesar de estar envolto sob os aspectos da existência humana da dor, culpa e morte, pode permanecer otimista. E isto é possível conservando a vida no seu sentido potencial, dizendo sim a vida apesar de tudo. Isso se faz transformando criativamente os aspectos negativos da vida em algo positivo ou construtivo, ou seja, transformando o sofrimento numa conquista e numa realização humana; retirando da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor e fazendo da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis. Ele também em sua teoria psicológica utiliza um padrão de comportamento denominado "hiperintensão", para dizer que se consegue um comportamento real e efetivo quando há uma "razão para", um sentido para (ser ou fazer algo). Por vezes a pessoa tem o suficiente com que viver, porém lhe falta um porque viver. A heurística do medo pode ser também aqui, a geradora de sentido no comportamento da pessoa humana.

Segundo Frankl há três caminhos para encontrar um sentido na vida: criar um trabalho ou fazer uma ação; experimentar algo ou encontrar alguém – no amor -; e a capacidade de transformar a tragédia em triunfo, de mudar-se a si mesma. Pode se encontrar o sentido e ele estão disponíveis apesar do – não, através do – sofrimento, da desgraça (FRANKL, 1987, p,157-159).

No caso da possibilidade de um colapso a qual eu tenha a chance de sobreviver, preciso estar vivo para presenciar isso, portanto tenho a responsabilidade de sobreviver.

Há importância em sentir-se responsável por aquilo que fazemos – não retirar a culpa.

A vida é feita de instantes de morte e esses instantes nunca voltam e esta transitoriedade da vida nos desafia a fazer o melhor uso possível de cada momento dela.

GUISA DE UMA CONCLUSÃO

Ao se falar da problemática socioambiental, de possíveis colapsos civilizatórios, de choques entre homem e natureza, não há intenção de pregar o catastrofismo. Essas situações mostram que nossos problemas crescentes e globais são em grande parte a consequência lógica de um modelo dominador de organização social em nosso nível

de desenvolvimento tecnológico – daí não poderem ser resolvidos apenas dentro dele. Mas elas também nos mostram existir outras possibilidades, pelas quais, como coautores de nossa própria evolução, ainda é possível optar por outras alternativas de abertura de caminho: em vez da destruição, através de novos rumos na estruturação da política, economia, ciência e espiritualidade, poderemos passar a uma nova era em um mundo de parceria (EISLER, 2003).

O desafio é grande, mas conforme salienta Frankl (1987) tendo como base a Ética de Espinosa, especificamente a passagem “tudo que é grande é tão difícil de compreender quanto de encontrar”; motivo pelo qual aqueles que ousam lutar por grandes projetos, acabam sendo uma minoria. No entanto, há atualmente um grande desafio que é de cada ser humano juntar-se a essa minoria, porque se o mundo está numa situação ruim, tudo pode piorar ainda mais se cada um não fizer o melhor que pode.

Para Levy (1990):

“uma faculdade de desejar, de conceber imaginariamente os fins ou sentidos da vida humana e de viver objetivamente para esses fins ou sentidos”.

Ser autônomo, assim, é saber governar a vida em si mesma pela ordem do desejo, ou

pela ordem ética, pois a vida na carência quer material ou de sentido ético, “podem se constituir como fatores degenerativos da condição humana” (LEVY, 1990, p.156).

Portanto, resta o alerta duplo feito Frankl, (1987, p. 165):

“desde Auschwitz nós sabemos do que o ser humano é capaz e desde Hiroshima nós sabemos o que está em jogo”.

Se o gatilho do revólver colocado em nossa cabeça já foi puxado e é apenas questão de tempo para ela nos atingir, há ainda a esperança de que a bala possa ser de borracha ou haja a possibilidade de desviarmos de sua direção. Em última análise, esta escolha depende de nós: Caos ou transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, C. (Org.) Desenvolvimento e Natureza. 5ª ed. – São Paulo: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

DIAMOND, J. O Colapso: Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EISLER, R. O Cálice e a Espada - nossa história, nosso futuro. Rio de Janeiro: Palas Atenas, 2008.

MORIN, E. Uma ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FERNANDES, V. A racionalização da vida como processo histórico: crítica à racionalidade econômica e ao industrialismo. Cadernos EBAPE. BR, v. 6, nº 3, Set. 2008.

ORTEGA Y.; GASSET, J. Meditação sobre a técnica. [tradução de José Francisco Pinto de Almeida Oliveira]. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991.

FERNANDES, V.; SAMPAIO, C. A. C. Problemática ambiental ou problemática socioambiental? Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 18, p. 87-94, jul./dez. 2008. Editora UFPR.

POLANI, K. El sustento del hombre. Barcelona: Mondadori, 1994.

WIKIPÉDIA ONLINE,
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Heur%C3%ADstica>.

FRANKL, V. E. Em busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração. Porto alegre: Sulina, 1987.

JONAS, H. O Princípio da Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica – Rio de Janeiro: contraponto: Ed. PUC –Rio, 2006.

KURT, L. Princípios de Psicologia Topológica. São Paulo: Cultrix, 1973.

LEVY, N. O Desejo/organizador Adauto Novaes. – São Paulo: companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.